

Sarkozy e a apreensão turca

André Barrinha . Doutorando, Universidade de Coimbra/ *Visiting Fellow*, Universidade de Kent

Numa altura em que a Turquia vive uma situação política conturbada, a vitória de Nicolas Sarkozy nas eleições presidenciais francesas veio, de certa forma, acrescentar um pouco mais de instabilidade, questionando a viabilidade de um complexo processo negocial com a UE, assim como o futuro do relacionamento entre Paris e Ancara.

Oficialmente, o mau estar no relacionamento turco-francês tem-se vindo a consolidar nos últimos anos, primeiro com a revisão constitucional, promovida por Chirac, que exige a realização de um referendo em França para futuros alargamento da UE; depois com a forte pressão francesa para que a UE suspendesse a abertura de vários *dossiers* e impedisse o encerramento de todos os outros constantes no processo de alargamento à Turquia até a questão cipriota estar resolvida; e, mais recentemente, com a questão do genocídio arménio. Em Outubro passado, a Assembleia Nacional aprovou uma proposta socialista que definia como crime a negação do genocídio arménio, implicando pena de prisão e uma multa de 45 mil euros e Sarkozy, de acordo com o *Turkish Daily News*¹, já por várias vezes se lhe mostrou favorável. Como medida retaliatória, as Forças Armadas turcas deixaram de considerar empresas francesas nos seus concursos².

Durante as eleições em França, este relacionamento, sobretudo no contexto da adesão da Turquia à UE, foi um tema frequentemente abordado e que acabou por dividir Nicolas Sarkozy e Ségolène Royal. Enquanto esta última se mostrou tendencialmente a favor da adesão da Turquia, Sarkozy mostrou-se, desde o início, totalmente contra a adesão de um país que se “situa na Ásia Menor” e cuja adesão significaria “o fim da União Europeia”³. Tal como a chanceler alemã, Angela Merkel, Sarkozy defende, como alternativa, uma *parceria privilegiada* com a Turquia. Recentemente, a essa ideia acrescentou a criação de uma *Comunidade do Mediterrâneo* que envolvesse a Turquia, assim como outros Estados do Médio Oriente e Norte de África.

Tais ideias não foram, obviamente, bem recebidas na Turquia. Num comentário à vitória de Sarkozy, o primeiro-ministro turco, Recep Tayyip Erdogan⁴ afirmou tratar-se agora de uma questão de tempo para perceber o real impacto da sua eleição e o real grau de materialização da sua retórica agressiva em relação à Turquia. Vários comentadores turcos foram mais longe. Para Semih Idiz⁵, colunista do *Millyet*, Sarkozy é a expressão das preocupações e receios dos franceses, um perigo para a Europa e para o desenvolvimento da Turquia. Yavuz Baydar⁶, do diário Zaman, defende mesmo que a influência negativa de Sarkozy já se faz sentir no país. Segundo este, a retórica anti-Turquia que Sarkozy tem levado a cabo é uma das principais causas da *fadiga da UE* que a Turquia tem vindo a viver nos últimos meses.

É praticamente consensual nos *media* turcos que Sarkozy pode ser um elemento prejudicial para o relacionamento Turquia-UE. De acordo com Cengiz Aktar, professor de Estudos Europeus na Universidade de Bahcesehir e comentador no *Turkish Daily News*, se a esta vitória Sarkozy conseguir juntar a vitória nas eleições legislativas, em Junho, tal poderá significar o fim do processo negocial UE-Turquia⁷. Contudo, afirma que tal cenário não é uma fatalidade inevitável. O facto do Presidente eleito francês pretender reforçar o seu relacionamento com os EUA e os fortes laços económicos entre a Turquia e a França poderão ser factores a ter em conta. Os EUA são fortes apoiantes da adesão da Turquia, tal como um significativo número de empresários franceses, para quem a Turquia já é uma realidade em termos de investimento externo (o investimento francês na Turquia atinge os 4 mil milhões de euros⁸).

Juntamente a estes dois factores, a reacção de Bruxelas à vitória de Sarkozy dá igualmente algum alento a Ancara. Numa forte atitude de afirmação política, a Comissão Europeia, tanto por intermédio do Comissário para o alargamento, Olli Rehn⁹, como pelo próprio Presidente, José Manuel Durão Barroso, veio, após a saída do resultado eleitoral em França, chamar a atenção para a necessidade de a UE manter os compromissos assumidos. Para o Comissário sueco, responsável pela pasta do alargamento, uma eventual mudança do mandato da negociação teria de partir de um ou mais Estados membros, sendo que as consequências de tal acto teriam, igualmente, de ser por eles assumidas. Esta foi também a mensagem transmitida por Durão Barroso¹⁰, que considerou ainda ser “um erro” parar as negociações com a Turquia.

A acrescentar a estas palavras, os jornais turcos davam conta da potencial abertura, por parte de Bruxelas, de três novos *dossiers* do processo negocial - assuntos económicos e monetários, estatística e controlo financeiro -, definindo tal atitude como um claro contra-ponto à eleição de Nicolas Sarkozy.

Segundo o diário conservador *Zaman*, esta medida, a concretizar-se, permitirá diminuir as preocupações sobre as potenciais consequências negativas do resultado eleitoral francês.

Um claro aspecto favorável, tanto a Sarkozy, como à Turquia, reside na duração do processo negocial. Tendo em conta que a Turquia demorará pelo menos mais 13 anos a aderir à UE e que Sarkozy não ficará no Eliseu mais de dois mandatos (10 anos), será possível a Sarkozy manter a sua atitude céptica, sem prejudicar o curso do processo. Na verdade, um compromisso muito forte por parte do Presidente eleito francês em bloquear as negociações com a Turquia implicaria um enorme desgaste político, num tópico, que apesar de importante, não está no topo da sua vasta agenda reformista. Esta é também a opinião de Amanda Akçakoca¹¹, colunista do *Zaman* e analista do *European Policy Center* de Bruxelas, para quem Sarkozy é demasiado pragmático para se lançar num feroz ataque ao processo de adesão turca quando tem outros assuntos internos de muito maior urgência para resolver.

No fundo, e apesar do pessimismo turco, a vitória de Sarkozy vem simplesmente tornar um pouco mais imprevisível um cenário já de si pouco claro. A questão da estabilidade política na Turquia, a posição dos restantes Estados membros, o grau de aproximação de Paris a Washington e a forma como a França se vai adaptar a um Presidente aparentemente disposto a fazer reformas internas dolorosas serão algumas das variáveis que permitirão esclarecer para onde caminha o processo de adesão da Turquia à União Europeia.

¹“Sarkozy’s win likely to strain relations with Turkey”, *Turkish Daily News*, 8 de Maio.

² “Oh no! It’s Sarkozy”, *The New Anatolian*, 8 de Maio de 2007.

³ “Sarkozy, Royal debate Turkey’s EU bid”, *Turkish Daily News*, 4 de Maio de 2007.

⁴ “Worried Turkey warns Sarkozy to quit election rhetoric”, *Turkish Daily News*, 8 de Maio.

⁵ “Sarkozy’s Fear”, *Milliyet*, 7 de Maio de 2007.

⁶ “Will Sarkozy shift to realism?”, *Zaman*, 9 de Maio de 2007.

⁷ “A turning point in relations with France & EU: President Sarkozy”, *Turkish Daily News*, 8 de Maio de 2007.

⁸ Idem.

⁹ “EU unmoved by Sarkozy win, eyes fresh talks with Turkey”, *Zaman*, 9 de Maio de 2007.

¹⁰ “EU warns Sarkozy about Turkey”, *Sabah*, 8 de Maio de 2007.

¹¹ “Vive la France! But what about Turkey?”, *Zaman*, 9 de Maio de 2007.